

CONTRIBUIÇÃO DOS SOFISTAS PARA O GRANDE IMPULSO DA EVOLUÇÃO DA FILOSOFIA GREGA TENDO COMO CONTRAPOSIÇÃO SÓCRATES VINDO A CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA OCIDENTAL

MÁRCIO JOSÉ TEMÓTEO HORIZONTE BRASILEIRO*

RESUMO

O presente trabalho visa a tentar demonstrar como foi o surgimento do movimento sofista e a contraposição a este por Sócrates como marco fundamental e divisor de águas do pensamento filosófico ocidental sem a pretensão de desenvolvermos o desdobramento deste embate de idéias até os dias atuais. Em princípio demonstraremos o momento histórico em que o homem passa a viver em sociedade e deixa de ser nômade para viver fixo na terra. Apresentaremos o momento do início do pensamento humano em que o homem começa a utilizar a razão como instrumento de produção de saber e de sobrevivência. Tentaremos mostrar algumas definições dos termos filosóficos, Razão e Ideologia, apresentaremos os Pré-Socráticos, os Sofistas e por fim a reação de Sócrates àqueles e concluiremos demonstrando a nossa opinião pessoal sobre o movimento sofista como contribuição indispensável para o início dos estudos da filosofia ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Homem nômade. Sociedade. Razão. Ideologia. Sofistas. Sócrates. Filosofia ocidental.

1 INTRODUÇÃO

O homem como ser primitivo em suas origens em transição do nomadismo para o cultivo da terra e o extrativo do que a natureza ofertava. Posteriormente o homem passou a viver em sociedade gestando com isso a curiosidade do homem que passou a utilizar a razão gerando as ideologias. O início do pensamento foi nas chamadas escolas pré-socráticas que teve como

* Advogado. Pós-graduando em Filosofia Moderna do Direito – Escola Superior do Ministério Público do Ceará – ESMP-CE. Contatos: marcio.brasileiro@adv.oabce.org.br e marciobr@fortalnet.com.br.

marco inicial Tales Mileto (624-546 a.C.). Várias foram os pré-socráticos que foram chamados também de sofistas. Apresentamos Sócrates como filósofo que se contrapõe as ideologias sofistas. Temos como principal discípulo de Sócrates o filósofo Platão que teve como discípulo o filósofo Aristóteles. Do confronto de idéias e argumentos entre Sócrates e os sofistas surgem as raízes para o desenvolvimento da filosofia ocidental que se perpetua até os dias atuais.

2 O INÍCIO DA CIVILIZAÇÃO: A CIVILIZAÇÃO NÔMADE E A CIVILIZAÇÃO CRAVADA.

O ser humano é dotado de inteligência e de razão, que é proveniente de uma certa programação genética pré-determinada, inculcada em sua essência, que é indispensável para a sua sobrevivência. Dito isto, tais características destacam o homem, como um ser dotado de uma inteligência privilegiadamente superior e única, diante de todos os outros seres vivos, o que lhe propiciou, além do benefício da sobrevivência, como ser dominante, visto que a inteligência sobrepuja a força, também o benefício de que foi através de sua inteligência que conseguiu o seu desenvolvimento social, o seu desenvolvimento em comunidade, e conseqüentemente da humanidade. O homem como ser inteligente tem como uma de suas principais características, a curiosidade, o desejo incontido de buscar respostas para tudo o que se apresenta como mistério, como oculto, como obscuro, tentando buscar caminhos lógicos explicativos para responder a todos os questionamentos que se apresentam como supostamente inacessíveis.

Partindo desta breve e sucinta explicação sobre a essência da curiosidade humana, passaremos a situar, em um primeiro momento histórico, o homem no início da civilização.

Nos primórdios da humanidade o homem, quando começou a viver em grupo, como primeiro estágio da civilização, era nômade e vivia exclusivamente da caça e da pesca e do que a vegetação servia-lhe como alimento. Quando, em determinadas regiões, os alimentos começavam a

escassear, o grupo humano que explorava aquela região mudava-se para outra e assim sucessivamente. Com o passar do tempo, o homem, que tendo como uma de suas principais características essenciais, a curiosidade e utilizando-se de outro potencial precípua seu, que é o senso de observação, apreendendo o que ocorria na natureza, raciocinando logicamente sobre tal conhecimento, passou a interpretar e a concluir como se dava a ocorrência dos fenômenos naturais e como isso poderia ser aplicado no momento em benefício de sua sobrevivência e de sua convivência em sociedade, ou seja, o homem passou utilizar a razão. Com isso começou a formular saber e a acumular conhecimentos, para o proveito próprio e de toda a civilização.

Tal comportamento empírico do homem fez com que os grupos humanos deixassem de ser nômades para que, escolhendo locais determinados, viessem a estabelecer as suas moradias, tais locais foram escolhidos por eles como úteis e próprios para o estabelecimento de suas residências, o que facilitou o desenvolvimento dos homens em sociedade, devido ao fato de terem apreendido o conhecimento e passaram a cultivar a terra, arando-a e plantando os alimentos que servissem para o seu sustento e sobrevivência. A civilização passou a ser cravada. É por causa desse fato que denomina-se de *Civilização Cravada*, a civilização que fixou-se na terra para sobreviver do seu cultivo, dos recursos naturais e do extrativismo que a natureza lhe proporcionava. Portanto a denominação de *Civilização Cravada* é decorrente do fato de o homem ter fincado suas raízes na terra, ter ele encravado as suas garras em um solo único, estabelecendo com isso sua residência, sua moradia.

Os pensadores antigos começaram a utilizar a *razão* formulando e acumulando um conjunto de saber, que foi organizado sistematicamente, vindo a dar origem às diversas formas de ideologias, sendo estas a gênese do pensamento racional. Neste trabalho abordaremos somente o pensamento clássico grego, como nascedouro da filosofia ocidental e que ainda hoje serve de base para esta filosofia nos dias atuais. Destacaremos aqui os pré-socráticos, passando pelos sofistas até a contraposição de Sócrates àqueles, cujo conhecimento chegou até os dias atuais através de Platão e o arremate feito por Aristóteles.

Para ilustrar o que foi dito apresentamos, por Osmar Ponchirolli (2008, p. 9), a história sobre Tales de Mileto (624-546 a.C.) onde se conta que este em uma noite estrelada:

caminhava atento, observando os astros, quando, de repente, antes que pudesse perceber, caiu num fosso. Uma mulher que presenciara o tombo do primeiro filósofo, impiedosamente, teria dito: 'como sabes o que se passa nos céus se não tens a capacidade de ver o que está debaixo de teus pés?' Humilhado por essa situação constrangedora, nos dias que se seguiram, Tales, com o conhecimento adquirido por suas observações astronômicas, alugara todos os bosques de oliveiras disponíveis, antes que a boa safra de azeitonas prevista por ele ocorresse. Quando a colheita veio, os consumidores de azeite tiveram de aceitar o preço exigido pelo dono: Tales de Mileto. Tales ficou rico e pôde provar a sua crítica mordaz de que o conhecimento, por mais distante do cotidiano que pareça ser, pode ter algum efeito prático material.

Neste momento faz-se necessário destacar a definição e significado dos termos filosóficos, **razão e ideologia, o que são e quem são os pré-socráticos e os sofistas. Qual foi a contraposição de Sócrates aos sofistas e o significado de filosofia**, através de Platão e o que disse Aristóteles sobre a filosofia sofista.

RAZÃO

Não nos aprofundaremos no significado da expressão razão, limitando-nos apenas em apresentar a definição contida por Nicola Abbagnano (2007, p. 969), destacada abaixo:

RAZÃO: ...1o. Referencial de orientação do homem em todos os campos em que seja possível a indagação ou investigação. Nesse sentido, dizemos que a Razão é uma "faculdade" própria do homem, que o distingue dos animais.

2o. ..." Abbagnano, Nicola. Dicionário de Filosofia, pág 969, São Paulo, 5a Edição, 2007, Editora Martins Fontes.

Como complemento da definição acima, apresentamos o que foi destacado por Marilena Chauí (2008), 2008, o que para ela seja a origem da palavra razão, onde

na cultura da chamada sociedade ocidental, a palavra razão origina-se de duas fontes: a palavra latina ratio e a palavra grega lógos. Essas duas palavras são substantivos derivados de dois verbos que têm um sentido muito parecido em latim e em grego. Logos vem do verbo legein, que quer dizer contar, reunir, juntar, calcular. Ratio vem

do verbo reor, que quer dizer contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular.

E continua, para concluir a definição de razão, afirmando que: “*Por isso, logos, ratio ou razão significam pensar e falar ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para outros.*”

IDEOLOGIA

Para apresentarmos o conceito de *ideologia*, nos socorremos do saber do professor Oscar d’Alva e Souza Filho (2008, p. 19), onde diz que:

o conceito de ideologia é apreendido, historicamente e nos meios acadêmicos, através de muitos modos ou formas de acepção. Dentro de uma visão quantitativa, considera-se ideologia o conjunto genérico das idéias científicas, filosóficas, políticas, jurídicas, éticas e estéticas que circulam em uma determinada sociedade. Entretanto, a partir de um posicionamento que podemos chamar de qualitativo, pode-se considerar o direcionamento, ou a intencionalidade com que essas ou aquelas idéias são divulgadas e até mesmos manipuladas por grupos sociais ou setores políticos-dirigentes dessas mesma sociedade.

Do mesmo autor, Souza Filho (2006, p. 19), em outra obra literária, extraímos outro conceito de ideologia onde apresenta que:

o conceito de ideologia compreende o conjunto de idéias éticas, religiosas, políticas, jurídicas, artísticas e científicas, com auxílio das quais, um poder político determinado procura promover, sistematicamente ou não, a sua justificação.

Para finalizarmos, sem esgotar, o tema, apresentamos o conceito por Abbagnano (2007, p. 615-616):

IDEOLOGIA (in. Ideology; fr. Idéologie; al. Ideologie; it. Ideologia). Esse termo foi criado por Destut de Tracy (Idéologie, 1801) para designar “a análise das sensações e das idéias”, segundo o modelo de Condillac. A I. constituiu a corrente filosófica que marca a transição do empirismo iluminista para o empirismo tradicionalista e que floresceu na primeira metade do século XIX (v. Espiritualismo). Como alguns ideólogos franceses foram hostis a Napoleão, este empregou o termo em sentido depreciativo, pretendendo com isso identificá-los com “sectários” ou “dogmáticos”, pessoas isentas de senso político e, em geral, sem contado com a realidade (PICAVET, Les idéologues, Paris, 1891). Aí começa a história do significado moderno desse termo, não mais empregado para indicar uma espécie de análise filosófica, mas uma doutrina mais ou menos destituída de validade

objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam.

Ainda segundo a definição de Nicola Abbagnano, este destaca como o termo Ideologia foi utilizado por Marx no século XIX, até o momento em que isso gerou o que foi chamado de materialismo histórico.

Nesse sentido, em meados do século XIX, a noção de I. passou a ser fundamental no marxismo, sendo um dos seus maiores instrumentos na luta contra a chamada cultura “burguesa”. Marx de fato (cf. Sagrada Família, 1845; Miséria da filosofia, 1847) afirmaram que as crenças religiosas, filosóficas, políticas e morais dependiam das relações de produção e de trabalho, na forma como estas se constituem em cada fase da história econômica. Essa era a tese que posteriormente foi denominada materialismo histórico (v.). Hoje, por I. entende-se o contrário dessas crenças, porquanto só têm a validade de expressar certa fase das relações econômicas e, portanto, de servir à defesa dos interesses que prevalecem em cada fase da relação. Foi exatamente com esse sentido que a I. foi estudada pela primeira vez em *Trattato di sociologia generale* (1916) de Vilfredo Pareto, apesar de, nessa obra, não ser usado o termo I. (que fora empregado em *Sistemi socialisti*, 1902, pp. 525-6). (ABBAGNANO, 2007, p. 615-616)

Continuando com a definição dada por Abbagnano (2007) sobre o termo Ideologia, onde o dicionarista destaca Vilfredo Pareto ao que concerne o entendimento deste sobre Ideologia, relacionando este como teoria não científica, cujo trecho abaixo destacamos para demonstrar que:

Em Pareto, a noção I. corresponde à noção de teoria não científica, entendendo-se por esta última qualquer teoria que não seja lógico-experimental. Segundo Pareto, uma teoria pode ser considerada: 1ª. em seu aspecto objetivo, em confronto com a experiência; 2ª. em seu aspecto subjetivo, em sua força de persuasão; 3ª. em sua utilidade social, para quem a produz ou a acata (*Trattato*, § 14). As teorias científicas ou lógicos-experimentais são avaliáveis objetivamente, mas não nos outros modos, porque seu objetivo não é o de persuadir (*ibid.*, § 76). Portanto, só as teorias não científicas são avaliáveis com base nos outros dois aspectos.

E faz, ainda, uma distinção entre Ciência e Ideologia dizendo que:

Ciência e I. pertencem, assim, a dois campos separados, que nada têm em comum: a primeira ao campo da observação e do raciocínio; a segunda ao campo do sentimento e da fé (*ibid.*, § 43). Com justeza foi frisada a importância dessa distinção, que, por um lado, torna impossível considerar verdadeira uma teoria persuasiva (ou útil) ou considerar persuasiva (ou útil) uma teoria verdadeira e, por outro, permite “compreender antes de condenar e fazer a distinção entre o estudioso dos fatos sociais e o propagandista ou apóstolo” (Bobbio, “Vilfredo Pareto e la critica delle I.”, *Riv. De Fil.* 1957, p. 347). (ABBAGNANO, 2007, p. 615-616)

Portanto, Ideologia é considerada como uma crença que em geral é utilizada para tentar persuadir a todos sobre um determinado conjunto de argumentos supostamente racionais e que segundo Nicola Abbagnano (2007) sobre o termo Ideologia, diz o dicionarista que o termo é

toda crença usada para o controle dos comportamentos coletivos, entendendo-se crença (v.), em seu significado mais amplo, como noção compromissiva da conduta, que pode ter ou não validade objetiva. Entendido nesse sentido, o conceito de I. é puramente formal, uma vez que pode ser vista como I. tanto uma crença fundada em elementos objetivos quanto uma crença totalmente infundada, tanto uma crença realizável quanto uma crença irrealizável. O que transforma uma crença em I. não é sua validade ou falta de validade, mas unicamente sua capacidade de controlar os comportamentos em determinada situação. [N.A.]

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

A história da humanidade registra que o surgimento do saber filosófico ocidental se deu na Grécia antiga, onde surgiram pensadores que semearam o saber filosófico científico com reflexos inquestionáveis de conhecimentos que são estudados até os dias atuais. O início da estratificação social deu-se pela atitude de alguns homens, que se destacavam dos demais em inteligência e astúcia, onde manipulavam o saber sobre os fenômenos naturais em proveito próprio, fazendo com que os outros homens trabalhassem a seu favor e lhes servissem sob a alegação de que recebiam orientações divinas e podiam manipular os fenômenos da natureza. A filosofia clássica nasceu na Grécia Antiga com desenvolvimento próprio. No princípio a filosofia grega não atentou para os problemas da justiça e da ética, se atendo apenas aos fenômenos físicos naturais.

A Escola Jônica foi a mais antiga (VI a.C.). Teve entre os seus participantes os pensadores Tales, Anaximandro, Anaxímene, Heráclito, Empédocles, entre outros. Na tentativa de explicar os fenômenos da natureza esta escola formulou a teoria dos quatro elementos: água, ar, fogo e terra. A obra de Battista Mondin (2003, p.193), destaca a Escola Jônica como:

Fundador: TALES DE MILETO (624-562 a.C.). Doutrinas principais: A pesquisa desta escola, que foi a mais antiga escola grega de filosofia e que surgiu em Mileto aproximadamente no VI século a.C. está

destinada a dar expressão filosófica ao problema da existência de uma causa suprema de tudo. O princípio aparece, portanto, caracterizado geralmente por um elemento natural ou material: água, ar, fogo... Maiores expoentes: Tales de Mileto, que coloca a água como o princípio do qual procedem todas as coisas, por condensação ou rarefação. Anaximandro de Mileto, matemático e astrônomo, que vai além de Tales e coloca como princípio primeiro algo de indeterminado (apeiron). Seu eterno movimento determina na matéria, por separação, os opostos. Anaxímenes de Mileto, discípulo de Anaximandro, que coloca o princípio primeiro no ar, eterno e em contínuo movimento.

Foi da Escola Jônica os primeiros registros do pensamento da filosofia da Grécia Antiga que datam de 585 a.C. Como já dito, nesta escola destaca-se o pensador Tales. Tal pensador viveu em Mileto, na costa da Ásia Menor. A sua filosofia é fundada no fato de se usar a razão para explicar os fenômenos naturais observáveis.

Também na obra de Mondin (2003, p.193), logo posterior à época da escola Jônica destaca-se a escola Eleática, tendo como seus representantes Xenofonte, Parmênides, Zenão de Eléia, e Melisso de Samos. Tal escola prendeu-se mais à metafísica em uma tentativa de explicar que existe um ser uno, imutável e eterno. Nesta obra citada a Escola de Eléia tem como destaque:

Fundador: PARMÊNIDES. Doutrinas principais: Segundo Parmênides, a única realidade é o ser; nenhuma outra realidade é possível, nem o vir-a-ser, como afirmava Heráclito. De fato, uma coisa é ou não é. Se é, não pode vir-a-ser porque já é. Se não é, não pode vir-a-ser, por que do nada não se pode extrair senão o nada. De tal modo era ressaltada a correlação entre o ser e o pensamento. Maiores expoentes: Parmênides de Eléia, colônia grega da Lucânia, escreveu o poema "Da Natureza". Zenão de Eléia, (século V a.C.), escreveu o poema "Sobre a Natureza". A doutrina do "é" parmenídico transforma-se na de uma realidade que não pode ser múltipla e apresenta-se como o "uno" absoluto.

Em seguida veio Pitágoras (582 a 500 a.C.), que nasceu em Samos, sul da Itália, cuja família era tradicional e aristocrática. Pitágoras fazia parte do grupo de governantes de sua cidade e por esta condição teve a oportunidade de viajar por vários lugares acumulando conhecimento que era a sua paixão. Quando completou a idade de 18 anos conheceu Tales de Mileto e o ouviu por dez anos. Os ensinamentos da escola de Mileto começaram a ser questionados por Pitágoras, tornando-o insatisfeito, onde este começou a contrapor as idéias de Tales, atrapalhando a este. Tal oposição culminou com a expulsão de Pitágoras, que dirigiu-se para o Egito onde estabeleceu-se em

Heliópolis, depois de ser recusado em Mênfis e Diápolis, Pitágoras acumulou vastos conhecimentos e posteriormente fundou a sua influente escola em Crotona, no sul da Itália, uma poderosa e seleta sociedade de adeptos da doutrina que professava. A base da filosofia de Pitágoras eram os números, que o pensador dizia que os números eram a chave para se compreender a natureza da realidade. Como ocorreram divergências políticas, Pitágoras mudou-se para Metaponto, onde passou o resto de sua vida até o seu falecimento.

OS SOFISTAS

O significado da palavra sofista tem origem das palavras gregas *sophos*, *Sophia*, que significa “sábio” e “sabedoria”. Portanto tais pensadores se denominavam de sábios. Na obra de Guthrie (2007, p.31), ele responde a tal pergunta informando que:

As palavras gregas *sophos*, *Sophia*, que se costumam traduzir por “sábio” e “sabedoria”, foram usadas comumente desde os tempos mais antigos, e significando como significam uma qualidade intelectual ou espiritual, adquiriram naturalmente alguns matizes delicados e sentido, que aqui só se podem ilustrar de maneira incipiente.

Tiago Adão Lara (1989, p. 82), apresenta a definição de quem era o sofista dizendo que “era o mestre ambulante que ia, de cidade em cidade, fazendo-se pagar a troco do ensino que ministrava. Procedimento novo, que escandalizava.”

Ainda do mesmo autor temos a descrição do que fazia um sofista:

ensinava o arete, ou seja, a virtude. Entenda-se, porém, virtude, sobretudo, no sentido de habilidade, assim como chamamos virtuoso o pianista hábil. Habilidade necessária para se impor em um regime democrático, que integrava na vida e no governo da cidade, comerciantes e artesãos, enriquecidos, à antiga aristocracia rural. Habilidade da palavra e da argumentação, pois é com elas que os jovens ricos – é a eles que continua a destinar-se a educação – vão poder defender seus interesses nas assembléias.

Os sofistas surgiram no Século V a.C. quando do triunfo da Democracia de Péricles, com o surgimento de novas camadas sociais que começaram a participar dos processos políticos e com discussões em praças públicas, com idéias inovadoras e contestadoras para a época. Vindo das classes populares, os sofistas, com a sua linguagem e costumes divergentes da classe dominante, chegaram a chocar a democracia ateniense. A filosofia dos sofistas pregava o antropocentrismo e se contrapunha com a visão oficial cosmocêntrica e foi a primeira Revolução na História da Filosofia. Foram os sofistas que primeiro bateram de frente com os problemas do espírito humano, o do conhecimento e o problema da ética. Os principais sofistas foram Protágoras, Górgias, Hípias, Calixto, Trasímaco, Pródico, Cálicles, Hegésias e Alquidam. *Os sofistas foram pensadores nascidos na Grécia ou na Magna Grécia (Itália Meridional, Sicília).* As doutrina sofista foram conhecidas por nós através de seus adversários, como nos *Diálogos* de Platão, onde Sócrates é o personagem principal e contestador das idéias dos sofistas e foi exatamente Sócrates o maior dos algozes, oponente maior das argumentações dos sofistas.

De acordo com Battista Mondin (2003, p. 193), os sofistas tem destaque como escola. Esta é assim apresentada:

Escola Sofista. Fundador: PROTÁGORAS (480-410 a.C., aproximadamente). Doutrinas principais: Os sofistas levantaram pela primeira vez a questão de se o homem tinha ou não a capacidade de conhecer a íntima natureza das coisas e a lei moral absoluta. Sua resposta foi a de que o homem não as pode conhecer, porque a realidade e a lei natural estão acima da capacidade cognoscitiva do homem. Portanto, tudo aquilo que o homem conhece em filosofia e em ética é de sua própria elaboração. Daí a famosa expressão dos sofistas: 'o homem é a medida de todas as coisas.' Com efeito, não é possível um conhecimento verdadeiro, mas apenas provável; não há uma lei moral absoluta, mas somente leis convencionais. Nesta dimensão empírica do conhecimento humano, o prazer se coloca como a única meta para o homem. Maiores expoentes: Protágoras, que sustenta não haver nenhuma verdade absoluta. O homem interpreta a seu modo e a seu interesse os dados da sensação. O sábio, ou seja, o sofista, com a arte da persuasão faz com que apareçam melhores, não as opiniões mais verdadeiras, mas as mais vantajosas. Protágoras ensina uma moral convencional, mas não arbitrária, baseada nos princípios divinos do respeito e de justiça que Zeus comunicou a todos os homens. Górgias (484-375 a.C.), que avança o relativismo de Protágoras em direção ao ceticismo mais radical. Sua filosofia sustenta que o ser não existe; uma coisa é o pensar, outra coisa é o ser; a palavra dita é outra que a coisa significa. Conclusão: é preciso persuadir os homens da probabilidade daquilo que aparece.

DEL VECCHIO (2006, p. 15), define os sofistas como: “Homens de grande eloquência e bravura dialética, percorriam cidades, sustentando em seus discursos teses assaz disparatadas; compraziam-se em se opor às crenças dominantes, muitas vezes suscitando escândalo público em razão de seus paradoxos.” Continuando ainda, com o mesmo autor:

Os sofistas eram individualistas e subjetivistas. Ensinavam que cada homem tem um modo próprio de ver e de conhecer as coisas, do que resultava a tese de que não pode existir uma verdadeira ciência objetiva e universalmente válida.” Destaca-se a famosa frase de Protágoras que diz que “o homem é a medida de todas as coisas.” Ainda na mesma obra o renomado autor continua dizendo que “negando os sofistas toda verdade objetiva, negam igualmente que exista uma justiça absoluta; também o direito, por si, é relativo, é uma opinião mutável, a expressão do arbítrio e da força: ‘justo é o que favorece o mais poderoso.’ Assim, Trasímaco se pergunta se a Justiça é um bem ou um mal, e responde: ‘A justiça é, em realidade, um bem alheio, uma vantagem para quem manda, um dano para quem obedece.’ Como se vê os sofistas eram moralmente céticos e antes negadores ou destruidores que construtores.” Conclui Giorgio Del Vecchio afirmando que “os sofistas foram, em suma, o fermento que deu causa à grande Filosofia idealista grega, uma florescência do pensamento, da qual talvez nenhum outro povo pôde vangloriar-se. Essa florescência resume-se, principalmente, nos nomes de Sócrates, Platão e de Aristóteles, que brilharam soberanamente na história do pensamento.

Segundo o professor Oscar d’Alva e Souza Filho (2006, p.28), os sofistas são destacados na seguinte afirmação:

foi no Século V antes de nossa era, quando a Democracia de Péricles triunfou e junto a ele novas camadas sociais começaram a participar do processo político grego, que os sofistas aparecera, nas praças e mercados de Atenas, divulgando idéias ‘exóticas e estranhas.

Eram homens que se contrapunham aos tradicionais homens polidos da sociedade ateniense e não causavam boa impressão. De origens populares apresentavam-se de várias maneiras com os mais diversos costumes e linguagens e conforme este professor os sofistas eram “*defensores de posturas céticas, subjetivistas e individualistas,*” por estes motivos “*de logo chocaram a democracia escravista ateniense.*”

Souza Filho (2009, p. 29), ainda destaca que os pensadores sofistas:

promoveram a primeira grande Revolução na História da Filosofia, pois não apenas apresentaram um método novo para valorar o objeto do estudo, mas aqui, está o seu mérito singular, modificaram o próprio objeto da investigação, uma vez que apresentaram o homem

no lugar da natureza, dando a este o destaque e significado merecidos.

Ainda sobre os sofistas o professor Oscar d'Alva e Souza Filho (2008, p. 59), destaca que:

com os sofistas, são demarcadas, profundamente, os direitos fundamentais do homem com relação à Cidade que ele construiu. O indivíduo é o criador. Vale mais do que a coisa criada. Sua consciência moral, sua lei interior é bem mais valiosa e verdadeira do que o decreto do democrata Péricles ou dos Tiranos de Tebas ou Esparta. O respeito e a obediência ao Direito dependeriam da conformação das leis da cidade aos comandos imperativos da consciência ética individual.

Com isso, Souza Filho (2008, p. 60) afirma que imediatamente destacado no parágrafo anterior, que

os sofistas causaram problemas com esse filosofar político e jurídico. Na prática, ironizavam a Justiça da Cidade, ensinando a quem quisesse e os pagasse pelas aulas, 'o Processo da Razão Dupla', ou seja, como vencer uma causa na Justiça, independentemente da tese a ser defendida.

Os sofistas eram profissionais, pois exerciam a sua arte em troca de dinheiro. Ensinavam a que quisesse aprender a arte da argumentação no interesse de ascender nas classes sociais mais elevadas na Grécia. Os sofistas por não serem atenienses e não poderem ascender na política ensinavam a sua arte em troca de dinheiro sendo assim mal vistos pela sociedade ateniense. A arte dos sofistas era ensinada em praça pública para poucas pessoas em grupos pequenos, através de seminários ou na casa de quem os contratasse. Assim era desenvolvido o método sofista de ensinar.

Portanto, os sofistas eram homens que transitavam de cidade em cidade na Grécia para transmitir os seus conhecimentos para os filhos dos cidadãos por um preço combinado e que tal educação lhes servisse para a proporcionar-lhes a participação da vida política bem como conhecimentos dos mais variados possíveis para lhes garantir a sua formação como cidadão. Valorizavam e ensinavam a retórica e a arte de argumentar. Afirmavam que o cidadão alcançaria o sucesso através da sua capacidade de convencer aos outros acerca da veracidade de seus argumentos.

A palavra é uma grande dominadora, que com pequeníssimo e sumamente invisível corpo, realiza obras diviníssimas, pois pode fazer cessar o medo e tirar as dores, infundir a alegria e inspirar a piedade... O discurso, persuadindo a alma, obriga-a, convencida a ter fé nas palavras e a consentir nos fatos... A persuasão unida à

palavra, impressiona a alma como quer... O poder do discurso com respeito à disposição da alma é idêntico ao dos remédios em relação à natureza do corpo. Com efeito, assim como os diferentes remédios expelem do corpo de cada um diferentes humores, e alguns fazem cessar o mal, outros a vida, assim também, entres os discursos alguns afligem e outros deleitam, outros espantam, outros excitam até o ardor os seus ouvintes, outros envenenam e fascinam a alma com persuasões malvadas. (GÓRGIAS, 1967, p. 12-14)

Para os sofistas a capacidade de argumentação poderia ser ensinada, a natureza do homem podia ser moldada, que quando da transmissão do conhecimento poderiam ser mudadas as maneiras de comportamentos, as formas mais adequadas de atuação e são por esses motivos que os sofistas foram considerados os primeiros pedagogos da história.

Declaro ser eu um sofista e instrutor de homens...Oh, juvenzinho! se vieres a mim poderás comprovar, no mesmo dia, que, ao voltar à tua casa, já estarás melhor, e o mesmo acontecerá no dia seguinte e cada dia farás progresso para melhor... (Mondolfo, 1967, p. 317-319).

SÓCRATES

Sócrates foi o grande adversário dos sofistas. Ele nasceu em Atenas no ano de 469 a.C. e viveu até o ano de 399 a.C. Ele era filho de uma parteira com um escultor. Participou de várias guerras empreendidas por sua cidade e lutou como hoplita na guerra do Peloponeso. Dedicou-se à filosofia em detrimento ao seu destino de seguir a profissão de seu pai. Leu os filósofos da natureza e chegou a conviver com Anaxágoras. Sócrates teve participação ativa na vida política da cidade, tendo sido membro do conselho de cidadãos e para alguns chegou até a ser presidente de tal conselho. Foi notabilíssimo e intransigente defensor das leis da cidade e do seu irrestrito cumprimento. Teve sua vida marcada por duas características sendo esta que relaciona-se ao cumprimento da lei e a outra relacionada aos deveres cívicos. Ele não deixou nada escrito e tudo o que se supõe saber dele é o que foi escrito por Platão, seu discípulo e Aristóteles discípulo deste último. Sócrates não professava nenhuma filosofia original e dizia que a única coisa que sabia é que “*nada sabia*” onde baseando-se nessa afirmação, saía nas ruas, praças e mercados a interrogar a todos que encontrasse e que afirmassem ser isto ou aquilo a

tradução da verdade. Como Sócrates foi o principal opositor dos sofistas, eram estes o seu alvo predileto. As principais perguntas que Sócrates fazia aos sofistas eram: O que é retórica? Que é valor? O que é justiça? Com isso mostrava a todos que nem mesmo os sofistas sabiam responder embaraçando-os diante do público.

Sócrates fazia com que as pessoas interrogassem a si mesmas. Era o “*conhece-te a ti mesmo.*” Aristóteles afirmou que foi Sócrates quem introduziu na filosofia a preocupação pela definição e pelo raciocínio indutivo. Portanto foi Sócrates quem recolocou a filosofia no seu devido lugar em busca da verdade pelo conhecimento do ser. Sócrates combate os sofistas que instauraram em sua filosofia o *relativismo* e o *subjetivismo*. Através de suas perguntas Sócrates tenta demonstrar a essências das coisas, o que há de comum em todas as coisas, em busca de um conhecimento universal. Ele defendeu que os problemas morais podem ser objeto de um conhecimento verdadeiro, autêntico, de validade objetiva e universal. Essa é a grande diferença entre Sócrates e os sofistas.

O interesse de Sócrates é fundado na moral humana, como *o que é bom, corajoso e justo*. Tinha como principal objetivo explorar e expor a ignorância dos outros como desculpa para verdadeiramente confrontar os supostos sábios da época. O seu método consistia em fazer indagações sobre determinados temas mostrando ao sábio as falhas de seus argumentos. Era comum haver confrontos de idéias e argumentações lógicas em praça pública, como se fosse um duelo, como se fosse um jogo onde o povo assistia como a uma disputa esportiva. Vencia o que tivesse melhores argumentos. Sócrates era o maior vencedor. Por contrariar interesses de alguns componentes da classe dominante, Sócrates foi acusado de desrespeitar os deuses e por corromper a juventude. Foi levado a julgamento e condenado à morte por envenenamento com a ingestão de cicuta. Mesmo tendo tido oportunidade de fugir, livrando-se assim da morte, Sócrates não aceitou fugir por ser convicto de que deveria obedecer as leis da Polis, sendo ele o mais fervoroso defensor da incondicional obediência às leis de Atenas. Portanto seria inadmissível aceitar fugir e com isso contradizer tudo o que pregou ao longo de sua vida.

Para ilustrar, transcrevemos textualmente:

Jamais fui mestre de ninguém, embora nunca me opusesse a jovem ou velho que desejasse me ouvir na execução de minhas tarefas. Tampouco falo se me pagam, e se não pagam, não; esteou da mesma maneira à disposição do rico e do pobre, para que me interroguem ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. Se algum deles se torna honesto ou não, não é justo que eu seja responsabilizado pelo que nunca prometi nem ensinei a ninguém. Quem afirmar que de mim aprendeu ou ouviu em particular alguma coisa que não todos os demais, tenhais certeza de que falta com a verdade. (SÓCRATES, 2000, p. 61).

Por arremate, sem a pretensão de esgotar o assunto, destacamos o que foi apresentado por Giorgio Del Vecchio (2006, p. 18):

...Sócrates deu os primeiros acenos de um sistema filosófica idealístico, mesmo não o construindo, como fez, depois Platão. Ensinou o método do filosofar, com especial atenção para a Ética, reagindo contra o ceticismo prático dos Sofistas, por dirigir-se para o bem; ensinou a respeitar as leis (que os Sofistas haviam ensinado a desprezar), e não só as leis escritas, mas também aquelas que, mesmo não escritas, valem, como dizia, igualmente, em toda parte, e são impostas aos homens pelos deuses. Assim Sócrates afirmou a sua fé em uma justiça superior, por cuja validade não é necessária uma sanção positiva, nem uma formulação escrita.

A obediência às leis do Estado é, pois, em todos os casos, para Sócrates, um dever. O bom cidadão deve obedecer também às leis más, para não encorajar o cidadão perverso a violar as boas.

O próprio Sócrates pôs em prática esse princípio quando acusado de haver introduzido novos deuses e de ter corrompido a juventude, e, tendo sido condenado à morte por esses pretensos delitos, quis que se executasse a condenação, e enfrentou serenamente a morte, da qual tinha podido escapar.

O mesmo autor, como conclusão sobre Sócrates, afirmou que

o modo sereno e sublime com que encarou a morte torna ainda mais admirável a sua figura e faz dele um precursor dos outros mártires do pensamento. Por seu ensinamento, com o qual pretendeu procurar os princípios racionais do agir, Sócrates merece ser considerado um dos principais (se não absolutamente o primeiro) entre os fundadores da Ética. (DEL VECCHIO, 2006, p. 18-19).

CONCLUSÃO

O que foi apresentada neste trabalho teve como objetivo mostrar e destacar a grande contribuição dos sofistas, como força propulsora motriz

motivadora para que Sócrates, que se opôs a eles, vindo com isso a travar a mais bela batalha intelectual ocorrida na história da humanidade, que foi a guerra de idéias sem a utilização de armas bélicas, onde os embates ocorriam em momentos dos mais diversos possíveis, quais sejam, no seio familiar, nas praças, nos mercados, nas festas, nos banquetes, nas reuniões políticas, onde os homens, se utilizavam das palavras, a sua única e principal arma de guerra, para tentar derrotar os seus oponentes e quando da vitória era aclamados pelos ouvintes como heróis, que aqui fazemos uma similitude como heróis de guerra, tendo em vista que, ao longo da história, já está mais do que provado, que o grande vencedor é aquele que coloca a inteligência acima da força bruta.

Abordamos neste trabalho a participação dos sofistas na história do pensamento filosófico, por considerarmos que o movimento sofista foi um divisor de águas na história do pensamento universal. Foram eles que motivaram a reação de Sócrates, que foi mestre de Platão, que foi mestre de Aristóteles e assim sucessivamente ao longo da história, contribuindo para o desenvolvimento da filosofia ocidental até os dias atuais.

Sobre a contribuição dos sofistas, por mais que seja desprezada por muitos pensadores ao longo da história da humanidade, entendemos e pretendemos mostrar com este trabalho, que foi por causa do movimento sofista que houve um grande avanço na filosofia da Grécia Antiga Clássica. Questionamos que: se o movimento sofista tivesse ocorrido sem oposição, onde todos tivessem se conformado com o *status quo*, será que Sócrates teria desenvolvido a sua filosofia em toda a sua plenitude? Sem o movimento sofista, supostamente não teríamos tido os embates de idéias, que a muitas pessoas encantaram. Sem esses embates idealistas provavelmente Platão, ou não seria discípulo de Sócrates, ou não teria apreendido tudo que aprendeu com Sócrates, pois como já dito, este não desenvolveria todo o esplendor de suas idéias por falta de oponente a altura. Portanto a contraposição de Sócrates, ao movimento sofista, o estimulou a desenvolver satisfatoriamente todas as suas idéias que foram transmitidas principalmente por Platão. Nesse raciocínio os resultados dos pensadores, ao longo da história da filosofia, poderiam trazer como conseqüência uma filosofia muito mais atrasada do que

atual, como também poderíamos ter uma filosofia mais evoluída, se ao longo da história tivéssemos outro divisor de águas posterior aos sofistas.

É discordando dos muitos pensadores que desprezam a grande contribuição dos sofistas para o desenvolvimento do pensamento da filosofia ocidental, que nos posicionamos a favor desse movimento de pensamento como ponto de partida, como indispensável, para qualquer um que tenha a pretensão de estudar a filosofia atual.

Portanto, concluímos o presente trabalho na esperança de haveremos contribuído um pouco para o estudo da filosofia sem a pretensão de aprofundamento e muito menos de esgotamento do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADANS, Ian; DYSON, R.W. **50 Pensadores políticos essenciais**. Da Grécia Antiga aos Dias Atuais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ADOMEIT, Klaus. **Filosofia do direito e do Estado**. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 2000. v. 1. (Filósofos da Antiguidade).

BATTISTA, Mondin. **Introdução à filosofia**. Problemas, Sistemas, Autores, Obras. 14. ed.. São Paulo: Paulus, 2003.

BORGES, Arnaldo. **Origens da filosofia do direito**. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 1999.

BRUNO, Luciana Fernandes. **Aspectos psico-antropológicos da filosofia do direito dos sofistas**. Fortaleza: ABC Editora, 2007.

BURNET, John. **A aurora da filosofia grega**. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão da tradução: Agatha Bacelar. Tradução das citações em grego e latim: Henrique Cairus, Agatha Bacelar, Tatiana Oliveira Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. 7ª impressão. São Paulo: Ática, 2008.

DIEHLS, Hermann. **A evolução da filosofia grega**. Tradução de Oscar d'Alva e Souza Filho. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

DEL VECCHIO, Giorgio. **História da Filosofia do Direito**. Belo Horizonte: Líder, 2006.

GUTHRIE, W.K.C. **Os sofistas**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

HAMILTON, Edith. **O eco grego**. São Paulo: Landy Editora, 2001.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**. 4. ed. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA, Tiago Adão. **A filosofia nas suas origens gregas**. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

LAW, Stephen. **Guia ilustrado Zahar filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MÁYNEZ, Eduardo García. **O direito natural na época de Sócrates**. Tradução de Oscar d'Alva e Souza Filho. Fortaleza-Ce. ABC Editora, 2006.

MOSSÉ, Claude. **Péricles o inventor da democracia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia**. Das origens à idade moderna. 1. ed.. 6ª reimpressão. São Paulo: Globo, 2005.

PONCHIROLLI, Osmar. **Introdução à filosofia grega**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

SÓCRATES. **Os pensadores - Sócrates: Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2000.

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia - investigação dialógica: uma pedagogia para a docência da filosofia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. **Filosofia do direito, ética e justiça**. Porto Alegre: Núria Fabris Editora, 2007.

_____. **A ideologia do direito natural**. 2. ed. rev. e ampl. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

_____. **Tetralogia do direito natural: ensaio de filosofia do direito natural acerca das principais justificações ideológicas do direito positivo ocidental**. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

_____. **Polis grega & práxis política**. 4. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2006.

_____. **Ensaio de Filosofia do Direito**. Temas Gregos, Medievais, Modernos e Atuais. 2. ed. rev. e ampl. Fortaleza: ABC Editora, 2007.

_____. **Discurso em Torno dos Direitos: Natural, Positivo e Alternativo**. Fortaleza: ABC Editora, 2000.

_____. (Org.). **Tópicos de Filosofia do Direito-I**. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

STÖRING, Hans Joachim. **História geral da filosofia**. 17. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

VILLEY, Michel. **Os sofistas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WEISCHEDEL, Wilhelm. **A escada dos fundos da filosofia**. A Vida Cotidiana e o Pensamento de 34 Grandes Filósofos. 5. ed. São Paulo: Angra, 2006.